

9

*Discurso na visita ao ponto final do gasoduto
Rio de Janeiro–Juiz de Fora–Belo Horizonte,
Refinaria Gabriel Passos*

BETIM, MG, 12 DE JULHO DE 1996

Senhor Corregedor de Justiça do Estado de Minas Gerais, Desembargador Márcio Monteiro de Barros; Senhores Senadores e Deputados que me acompanham; Senhor Presidente da Petrobras, Dr. Joel Rennó; Senhor Presidente da Cemig, Cássio Carvalho Guimarães; Senhora Prefeita de Betim, Maria do Carmo Perpétuo; Senhores Prefeitos que nos dão a honra da presença aqui; Senhores Diretores e Funcionários da Refinaria Gabriel Passos; Demais autoridades aqui presentes; Senhoras e Senhores;

Como disse o Ministro Raimundo Brito, nós estamos começando a ver os resultados materiais, concretos, de um esforço que não é meu, que não é deste Governo, que é do povo brasileiro. É simbólico dizer mesmo que é o esforço que vem de algum tempo, e o Governador Eduardo Azeredo mencionou o fato de que estamos comemorando os dois anos do Real.

Esse plano de estabilização começou no governo de um mineiro, Itamar Franco, e o esforço pelo gasoduto também começou na gestão de outro mineiro, que é o Ministro das Minas e Energia, Paulino Cícero. Nós estamos dando continuidade.

É muito importante que o Brasil sinta isso, que o Brasil sinta que nós estamos, aqui, não é tentando começar do zero: o zero vem muito lá atrás; num dado momento, ficou abaixo do zero, uma inflação abaixo do zero. Nós repusemos isso.

Eu me lembro, quando vim aqui – era Governador o Hélio Garcia – muitos dos que, hoje, aqui estão, trabalhavam com o Governador Hélio Garcia, e nós fomos dando continuidade. O Ministro Vargas era ministro do Presidente Itamar Franco, o Dr. Joel Rennó, também – cadê o Schettino, que por aqui está? Por que eu digo isso? Porque nós não temos a pretensão vã de imaginar que tudo se faz, com simplicidade, a partir de um plano, a partir de um presidente, a partir de Brasília. Não é isso, não. É muito mais complexo.

Nós temos que ter a sabedoria e a humildade para perceber que todo um povo que cansou da desordem inflacionária, que cansou da corrupção, que cansou da falta de objetivos se reorganiza. Aqui e ali, há dificuldades, e muitas, às vezes. Mas há rumo. O que nós estamos vendo aqui? O Dr. Rennó mencionou, brincando comigo, que quase é uma inauguração por semana, porque fui recentemente a Jequié para inaugurar um poliduto. Depois, na televisão, vi que fui lá apoiar um prefeito. Eu não sabia. (*Risos.*) Fui lá inaugurar um poliduto da Petrobras. E, agora, nós estamos aqui, inaugurando esta, digamos, participação de Minas no mar.

Eu, como carioca, fico muito contente em saber que uma parte do mar do Rio vem para Minas através do gás – na palavra do Ministro de Minas e Energia. O que estamos vendo é uma continuidade.

Outro dia, o Ministro Raimundo Brito declarou que, no nosso Governo, já fizemos 70 concessões para exploração de energia elétrica, 70, no valor de 2,4 bilhões de reais. Isso é significativo. E, daqui por diante, haverá mais. Em detrimento do patrimônio público? Não, em acrescentamento ao patrimônio público.

Nós temos feito tudo com muito cuidado. Muito freqüentemente, o Ministro é objeto de críticas por esse cuidado, que ele tem, de fazer as coisas apropriadamente, sem imaginarem que, de repente, as funções públicas perdem importância e competência porque vai ser

tudo feito pela iniciativa privada. Não! Muito mais será feito pela iniciativa privada, muita concessão precisa ser feita. É preciso muita iniciativa autônoma do Governo.

Mas o Governo tem que continuar fiscalizando, tem que continuar colocando sementes de recursos, para que os recursos possam fluir; tem que continuar dando algumas diretrizes ao País. É o que estamos fazendo, sem esse espírito de antagonismo entre um setor e outro setor, buscando, o quanto possível, apaziguar os ânimos, buscando mostrar que o País, hoje, precisa de convergência. E Minas é a terra da convergência.

Não é por acaso – não sei se é verdade – que dizem que temos mais mineiros no Governo do que gente de qualquer outro estado do País. E isso veio de mansinho, eu nem sabia (*risos*). Disse o Governador que pode ter mais ainda. Eu também acho, eu também acho. Mas não se esqueçam do resto do Brasil. São Paulo está precisando de um apoio (*risos*).

Mas o que eu queria lhes dizer, com esse tom que estamos dando, ameno, às nossas declarações, é que temos muita confiança nisso tudo, confiança que está, hoje, alicerçada em resultados, em números. Durante o primeiro semestre deste ano, ficamos muito azucrinados e preocupados com um problema grave, que é o do desemprego. Pois bem, o Ministro do Trabalho acaba de revelar que, nos dois últimos meses, o emprego cresceu, segundo dados do mês de abril, que foram os disponíveis. Foram 57 mil novos empregos, somando as diferenças, 57 mil positivos, agora 104 mil. Somando tudo isso dá 161 mil, o que, no balanço do semestre, já é positivo.

Não há razões para pessimismo. Sei que as oposições, aqui e ali, até por falta de bandeiras, tomam às vezes um fato isolado, ou a tendência, que é real no mundo moderno, e perigosa no desemprego, como se ela fosse avassalar o país. Desde pequenininho, ouço dizer que o Brasil está à beira do abismo. Mas também já aprendi que ele é muito maior que o abismo. Não há abismo que nos sucumba. Não há. Por quê? Porque nós temos confiança, porque temos convicção, porque temos capacidade de organização, porque vimos ainda ago-

ra, hoje, na Fiat, que existe tecnologia que está sendo introduzida aqui e desenvolvida aqui, e o exemplo mais vivo disso é isto aqui, é a Petrobras e este gasoduto.

Daqui a pouco vamos ter, sim, um gasoduto da Bolívia até São Paulo, até o Rio Grande e, quem sabe, amanhã, um outro gasoduto, ou o mesmo, com gás da Argentina, ou outros ramais que possam trazer gás da Argentina para o Paraná, para o Rio Grande do Sul, para Santa Catarina.

Nós estamos assistindo ao espriamento da indústria automobilística no Brasil. O que era concentrado em São Paulo está se desconcentrando, sem que São Paulo perca condições de avançar.

Repetirei o que disse há pouco: nós não podemos pensar no Brasil nem no mundo como um jogo de soma zero, em que, quando um estado ganha, o outro perde. Não! Nós temos que criar uma espiral de crescimento em que todos possam ganhar. É o que estamos fazendo. É uma visão tacaanha – o Senador Fernando Bezerra, que é Presidente da Confederação Nacional da Indústria, sabe disto –, é uma visão tacaanha a de que, ao avançar, ao se colocar uma fábrica num estado, o outro está perdendo. Ao colocar-se uma fábrica num estado, está-se incentivando para que outras fábricas possam ir para outros estados.

Retomando o fio da meada: o que eu disse, há pouco, não nos desobriga de uma visão de governo, de ver que há regiões, como o Nordeste, que precisam, realmente, de um certo apoio específico. E terão esse apoio específico. Mas o conjunto, o próprio sistema de mercado, na medida em que nós deslanchemos, como já deslançamos no Brasil, uma espiral virtuosa, ele vai puxando mais investimentos. É o que estamos presenciando hoje.

Repito o que tenho dito: nós estamos mudando de patamar de desenvolvimento. Só não vê isso quem é cego. Não é fazer o mesmo que se fazia há 20 anos. Nós estamos fazendo de outra maneira, novas coisas, que vão puxar mais crescimento econômico e, portanto, mais emprego e, portanto, mais bem-estar.

É claro que se precisa de políticas específicas, políticas sociais. É claro que existe o problema da distribuição de renda. É claro que se

precisa olhar para os salários. Tudo isso é junto, não é separado. Não é “primeiro cresce para, depois, distribuir”. Nós estamos fazendo diferente: estamos crescendo e redistribuindo.

Os dados são claros. Pela primeira vez, há muitas décadas, depois do Real, os pobres ficaram um pouquinho menos pobres e os ricos um pouquinho menos ricos. Ainda é um pouquinho. Precisam ficar menos. Aliás, estou formulando errado: todos têm que ficar melhor.

Pode haver um acrescentamento, mas com distribuição. Tem que haver uma distribuição de renda para que este país possa continuar a prosperar. E tudo isso se faz dentro da democracia.

É fundamental isso. Nós somos uma zona de democracia no Mercosul e uma zona de paz. É claro que existem os que não entendem isso e preferem agravar conflitos, imaginando que, ao agravá-los, estão solucionando. Não estão. Evidentemente, há conflitos. É bom que haja conflitos. Uma sociedade sem conflitos é uma sociedade morta. Mas é preciso ter a capacidade de negociar os conflitos, é preciso ter a capacidade de, em nome de um interesse maior, que só pode ser o do Brasil, só pode ser o do povo, avançar na negociação dos conflitos.

Quero terminar felicitando todos os que trabalham na Petrobras, o Governo de Minas, que tem sabido capitalizar, e muito bem, esse esforço enorme do povo mineiro – e, ao felicitar o Governador, eu felicito, na verdade, os mineiros –, também o Ministro das Minas e Energia, que tem tido um desempenho excepcional, com muita fibra, com muita tranqüilidade, ao mesmo tempo que tem propiciado este caminho do desenvolvimento; e lhes dizer, com todas as letras: desenvolvimento não é contraditório com estabilização, desde que tenhamos a capacidade de prever o que vai acontecer e de fazer uma política adequada para evitar que um processo, às vezes desorganizado, de crescimento produza desorganização inflacionária.

Há capacidade para isso. Entramos numa fase em que nós, agora, sem deixar de nos preocuparmos, como disse o Governador Azere-do, com o problema central, que é o da estabilização, que é o do combate à inflação, precisamos entender, também, que esse Brasil tem urgência de crescimento, tem urgência de empregos, tem urgên-

cia de investimentos, tem urgência de modificações, tem urgência de reformas, precisa que o Estado seja mais adequado para fazer frente às realidades contemporâneas.

E esses processos podem vir juntos e virão juntos. E virão juntos não por virtude de um presidente ou de um governo, mas pela consciência, que hoje se espria no Brasil, de que este país já deu certo.

Muito obrigado.